

UMA REVISTA PARA AMANTES DA EDIÇÃO

CRIAR-TE

O Livro Pela Capa:

Mário Vinícius

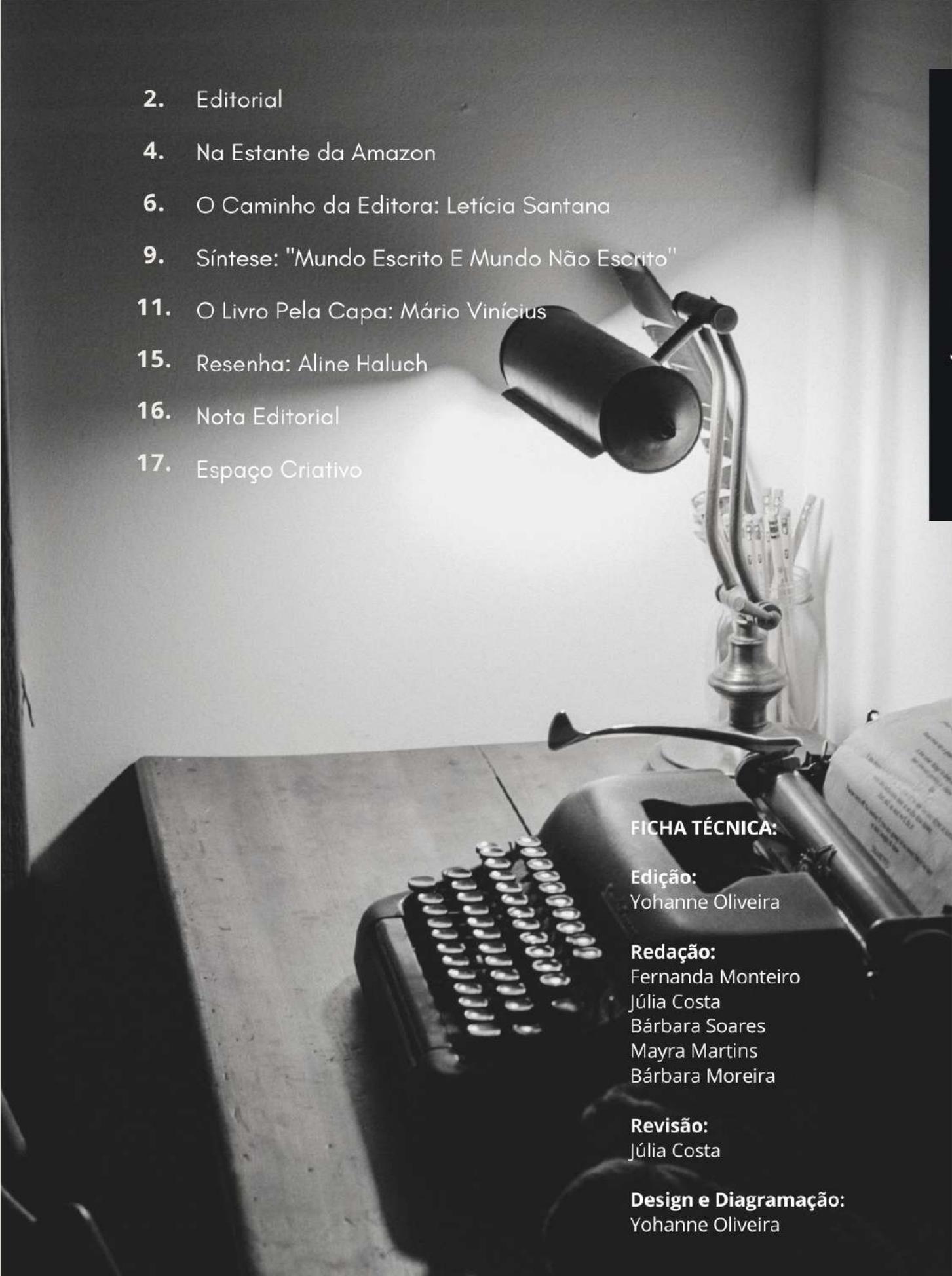
Fala sobre a relação e o papel do designer no processo editorial

Entrevista:

A editora Letícia Santana partilha os detalhes do mundo editorial e afirma: "a última palavra é a do editor"

E mais...

- Poesia
- Resenha
- Síntese

- 
2. Editorial
 4. Na Estante da Amazon
 6. O Caminho da Editora: Letícia Santana
 9. Síntese: "Mundo Escrito E Mundo Não Escrito"
 11. O Livro Pela Capa: Mário Vinícius
 15. Resenha: Aline Haluch
 16. Nota Editorial
 17. Espaço Criativo

FICHA TÉCNICA:

Edição:
Yohanne Oliveira

Redação:
Fernanda Monteiro
Júlia Costa
Bárbara Soares
Mayra Martins
Bárbara Moreira

Revisão:
Júlia Costa

Design e Diagramação:
Yohanne Oliveira



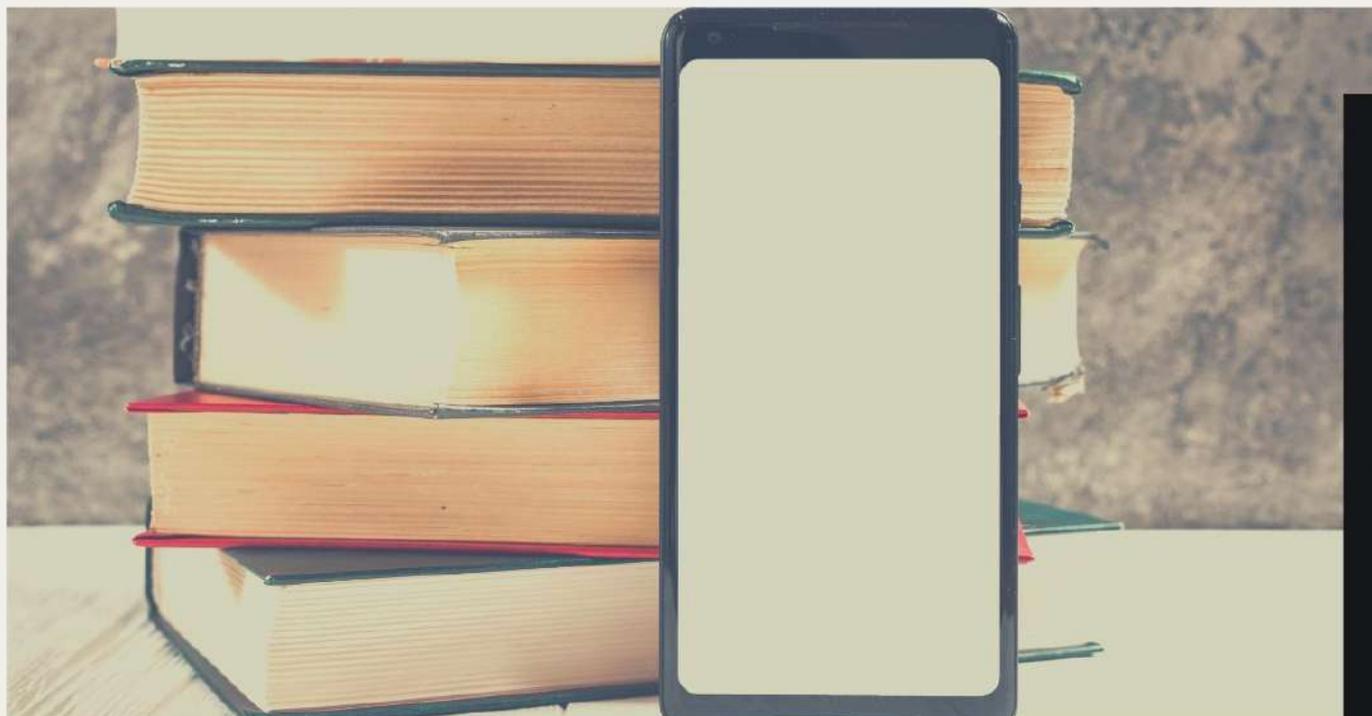
ELEVE-SE

Bem-vindos à Revista Criar-te! Este é o ponto de encontro entre o universo da edição e você. A atenção com que cada tema será apresentado nesta primeira edição diz muito sobre o cerne de nossa revista: chegar até o(a) querido(a) leitor(a) informando, entretendo e, com uma mirada sensível, apresentando as vertentes criativas do fazer editorial. Nossa paixão é elevar a importância da leitura e de toda a mobilização inspiradora de profissionais e leitores para que ela se faça possível. Eleve-se!

YOHANNE OLIVEIRA
EDITORA

"ESCREVEMOS
PARA QUE O
MUNDO NÃO
ESCRITO POSSA
EXPRIMIR-SE
POR MEIO DE
NÓS."

Ítalo Calvino



NA ESTANTE DA AMAZON

COM O E-BOOK, UMA BIBLIOTECA PODE
ESTAR AO ALCANCE DE UM TOQUE

Por Júlia Costa

Uma primeira observação pode partir da polêmica que questiona a sobrevivência do livro físico diante das vantagens que o e-book proporciona em conjunto com a era digital.

Os avanços tecnológicos adaptaram diversas práticas da vida humana, dentre elas o consumo de livros. Figurando entre as empresas mais influentes do mercado editorial atualmente, a Amazon objetiva dinamizar o formato digital de leitura.

Em setembro de 2019, chegou ao Brasil o Prime Reading, que integra o Amazon Prime. Trata-se da reunião de alguns serviços novos e outros já disponibilizados pela empresa em uma única assinatura por R\$9,90 mensais ou R\$89,00 ao ano – o

que gera uma economia de 25% ao consumidor. O Reading disponibiliza um catálogo mensalmente rotativo com centenas de livros. Uma outra opção de assinatura já era oferecida desde 2014, o Kindle Unlimited. O recurso é vendido a R\$19,90 ao mês e disponibiliza milhões de títulos com acesso irrestrito. A relação e o contato com a leitura são ampliados, mas fica a questão: ao considerar todos os fatores envolvidos nesse processo, tanto dinamismo favorece ou desfavorece a experiência de leitura? Uma primeira observação pode partir da polêmica que questiona a sobrevivência do livro físico diante das tantas vantagens que o e-book proporciona em conjunto com a era digital.

Alguns usuários desses serviços não acreditam que o livro digital seja uma ameaça ao livro físico e enxergam a opção como uma praticidade no cotidiano, mas também ressaltam a importância da aquisição do livro físico como um bem inestimável, como um objeto que possui uma aura muito particular que conversará com cada leitor(a) de forma distinta.

“Acho que o e-book não é uma ameaça pelo motivo de várias pessoas gostarem de ter o livro físico em suas casas. Para mim, os e-books conseguem trazer outras pessoas que não teriam tanto interesse em ler para essa área por ser mais prático.”, comenta Lucas, que tem 18 anos e é estudante e usuário do Kindle em Caçapava/SP.

Outros leitores, no entanto, cultivam uma visão que se pretende mais sóbria acerca do futuro da experiência de leitura. “Não vejo como uma ameaça exatamente. Acho que o e-book é uma evolução, com certeza vai substituir a maioria dos livros físicos. Mas alguns livros têm que ser de papel. Livros didáticos, que precisam ser atualizados e revisados com frequência, deveriam ser todos substituídos por e-books”, manifesta Ester, médica paulistana de 57 anos que assina o Estadão Online.

Os usuários dos serviços de assinatura de leitura digital enfatizam o quão prático é poder levar seu celular ou Kindle a qualquer parte sem se preocupar com o peso, com a possibilidade de amassar o livro ou sujá-lo. Ainda afirmam que as sugestões de títulos fazem conexão quase sempre assertiva com seus gostos e expectativas de leitura. Alguns leitores afirmam que, a princípio, havia vantagem em preferir a leitura dos e-books, mas

garantem que os preços vêm se equiparando aos valores de um livro físico ou mesmo superando-os e que, portanto, não existem maiores vantagens em utilizar um leitor digital além da praticidade de transportar muitos livros ocupando pouco espaço. “O que mais eu economizo é espaço. Não tinha mais onde colocar livros em casa, somos 3 comprando livros. Até pouco tempo, era mais barato comprar o e book do que o livro físico, mas isso já está mudando. Recentemente vi livros digitais mais caros que o livro físico.”, retoma Ester. Outros usuários acreditam que a economia é significativa utilizando o Kindle: “Uso o pacote da Amazon, Kindle Unlimited. Eu recomendaria, apesar de não ter todos os livros disponíveis. E a vantagem é que leio bem mais pagando uma quantia x todo mês, sem ter que comprar livro por livro”, pontua a corretora de seguros Carolina Pacheco, paulistana de 35 anos.



Leticia Santana apresentou um livro artesanal em seu TCC

O CAMINHO DA EDITORA

Entrevista com **Leticia Santana**

Por *Fernanda Monteiro*

Com uma trajetória fortemente marcada pela literatura, **Leticia Santana Gomes**, 27 anos, afirma a importância do valor simbólico atribuído aos livros que sempre foi constante em sua vida. Aos 10 anos de idade, já editava um jornalzinho da escola inventado por ela. Aos 15, começou a escrever para o jornal da sua cidade natal, Nanuque. "Sou filha de uma bibliotecária, costumo dizer que nasci em uma biblioteca." Santana considerou cursar jornalismo, mas, após uma conversa com uma professora de literatura, decidiu prestar vestibular para o curso de Letras em sua cidade. Porém, ao se inteirar sobre o curso de Letras no **CEFET-MG** com uma breve pesquisa e entrevista com a professora Ana Elisa Ribeiro - através de uma tia que é revisora de textos em Belo Horizonte -, ingressou na instituição tecnológica. Afirma ter sido um divisor de águas em sua vida: "Foi a forma de lidar um pouco com a criatividade que eu sempre quis. Essa coisa mais estética também das obras, de pensar que tal livro poderia ter sido pensado de uma outra forma." Doutoranda e mestre em estudos de linguagens no CEFET-MG, onde, primeiramente, se bacharelou em Letras Tecnologias da Edição, Leticia Santana desenvolve pesquisa em análise do discurso com ênfase em narrativas de vida de profissionais da edição. Possui experiência de estudos sobre o mercado editorial com destaque aos editores independentes, foi assistente editorial na **Mazza Edições** e revisora de textos no grupo Bernoulli. Atualmente é pesquisadora no CEFET-MG e desenvolve trabalhos paralelos de edição de livros e preparação de textos e integra a Coletiva Virgínia que reúne mulheres profissionais no mercado editorial brasileiro. Em uma conversa com o CriarCast, o podcast da revista Criar-te, Leticia compartilhou sua experiência profissional como editora e ensinamentos valiosos para quem tem interesse em ingressar no mercado editorial.

RC - Quais foram as situações mais marcantes que você passou durante a sua jornada como editora/revisora?

Leticia - A primeira, sem dúvidas, foi quando fui chamada, em 2014, pelo professor Pablo



Livro "Da Minha Língua Vê-se o Mar" - Foto e Reprodução: Leticia Santana Gomes

Guimarães (editor assistente da Mazza Edições) para fazer estágio como assistente editorial. Mais uma vez falo da minha mãe porque, por conta dela, eu sabia da existência da editora desde que me entendo por gente. Ela fez Biblioteconomia na UFMG e estudou com a sobrinha da Mazza na década de oitenta, quando estava começando aqui no Brasil. A editora marcou e marca até hoje por ter sido precursora em temáticas e abordagem afro-brasileiras e muito me honra ter tido a oportunidade de fazer estágio justamente com o Pablo e com a Mazza. Eu realizava desde conversa com o autor até a entrega de um original para ser publicado para a Mazza. Além disso, fazia visitação na gráfica, prova técnica, prova gráfica. Era muito mais que um estágio, foi um aprendizado pra minha vida. Eu posso estar falando de uma certa utopia, mas, pela minha bagagem também acadêmica em torno de pesquisas sobre profissionais da edição, essa paixão pela literatura é algo que está presente nos discursos desses editores e editoras e é inevitável.

RC - Como é a relação editor-autor?

Letícia - Temos uma relação que, na maioria das vezes, é tranquila, mas também pode ser conflituosa. Até que ponto o editor poderá mexer no texto? O editor que vai responder por toda essa cadeia, de certa forma. Recentemente passei por essa questão. Um autor queria o livro rosa-choque, mas o projeto era outro. Se os gastos da publicação serão arcados pela minha própria editora, estou no meu papel definidor de falar o que é e o que não é possível. Quando a edição está sendo paga pelo próprio autor, em alguns casos a editora deve ceder e é claro que existirá uma ponderação. É preciso escutar o autor, as suas pretensões e sugestões, mas sabendo que a palavra final vai ser do editor porque só ele saberá os custos, os prós e contras dessa publicação; se determinada capa estará adequada com o nicho e se estará adequado ao padrão orçamentário. Alguns autores tentam pensar em questões mirabolantes quando, na prática, é um universo a se pensar. Não é só um livro de um autor, a editora circula com várias tiragens e com vários exemplares ao mesmo tempo. O editor terá esse papel de trazer algumas verdades a esses autores, isso é fundamental.

RC - O que você considera mais relevante no momento da escolha de um exemplar para se tornar livro?

“O editor precisa ter feeling. Não temos uma bola de cristal, podemos errar ou acertar, mas seguir essa intuição é muito importante.”

Letícia Santana

Letícia - É claro que nessas questões de aceite ou não de publicação, a cabeça vai ser a editora, o editor. Mas faz parte, também, um conselho editorial que vai pensar se essa publicação vai ter relevância e difusão de conhecimento, se vai chegar ao público que essa editora já costuma alcançar, se vai ser alvo de possível seleção de governo (existem alguns editais em que certas editoras já anunciam publicações para conseguir um custeio de editais públicos e, portanto, maior circulação e retorno financeiro dessas obras). Esse livro precisará de ilustração? É possível gastar com ilustração? O livro será preto e branco ou colorido? Como vamos pensar em tudo isso para a publicação ser viável?

RC - Quais suas perspectivas para o futuro pós-pandemia em relação ao mercado editorial?

Letícia - Podemos falar do presente pandêmico que é o aumento substancial da vendagem de e-books no Brasil. Os números da Bookwire - maior empresa a prestar o serviço de conversão de pdf para e-book para as editoras no Brasil - mostram esse aumento. No primeiro trimestre deste ano, cresceu 90% em relação a vendagem do ano passado (2019) inteiro. Isso refletiu muito que essas modalidades de leitura e produção já estão mudando. A produção de e-books tende a crescer ainda mais.



"Vozes: Eu, Ele, Nós", Letícia Santana Gomes e Izabel Diniz
- Foto e reprodução: Letícia Santana

RC - Quais habilidades são indispensáveis nesta profissão?

Leticia - Primeiramente, é preciso saber que a nossa formação - isso vale para todas as profissões - não se limita apenas às paredes das universidades, ela é muito mais ampla. Estamos falando de mediação cultural, de circulação de ideias. É preciso estar atento a todo um universo de possibilidades: pensar qual é o nicho da editora em que quero fazer estágio, tentar buscar autores com quem mais me identifico - se for na área de revisão, por exemplo. Pensar nas razões do projeto, em que mãos ele chegará. Sempre tem profissionais, mas qual será o seu diferencial? Essa busca acontece em outras fontes. Existe uma interface de possibilidades antropológicas e sociológicas em que podemos ter uma abertura maior para ser editor, revisor, preparador de textos. Esse editor é, na verdade, uma figura intermediária entre a arte e o dinheiro, por saber conciliar o prestígio literário com o fato de ser uma empresa que precisa gerar lucros que garantam que determinados sonhos sejam publicados. As habilidades na profissão do editor são inúmeras, mas principalmente conhecer coisas de áreas bem abrangentes. Apesar do editor talvez não precisar fazer determinada capa e projeto gráfico, saber mexer nos instrumentos vai mensurar até que ponto ele pode cobrar ou não de um designer. Se for chamado para trabalhar numa editora com nicho de economia, você não será um especialista, mas é importante saber quem é aquele público. Além disso, precisa saber que a nossa função tem um papel social enorme no debate público. You usar o que a própria **Maria Mazzarela** diz sobre outros editores, uma questão fundamental: o editor precisa ter feeling. Não temos uma bola de cristal, podemos errar ou acertar, mas seguir essa intuição também é muito importante. De que forma eu posso contribuir com a publicação que dará mais vida a determinados assuntos e pautas? Está faltando coleção feminista para além da questão afro-brasileira, então vamos pensar em tal coleção? Quem são essas autoras que estão surgindo atualmente e não foram publicadas? É preciso atentar a todo esse movimento e ir avante! Ainda tem muito livro para sair. Tem muitas editoras que precisam de pessoas especializadas, tanto da literatura quanto dos aspectos editoriais gráficos e questões de gestão de editora. Depende de nós, essa parte prática: procurar em outras editoras e em outros profissionais o que podemos agregar.



"Imagens Literárias: Existem Direitos Humanos na Minha Cidade?";
Letícia Santana Gomes e Izabel Diniz - Foto: Alicia Teodoro

SAIBA MAIS:

Mazza Edições

Criada em 1981 por Maria Mazzarelo Rodrigues, a editora tem como foco a publicação de autores/autoras negro(a)s e destaque a diversos aspectos da cultura afro-brasileira. Como intuito de abordar diversas questões sociais, política e culturais a editora se tornou referência nacional e internacional por contribuir com debates em torno da diversidade socio-cultural do Brasil. Conheça o site da editora: mazzaedicoes.com.br

"MUNDO ESCRITO E MUNDO NÃO ESCRITO" - UMA SÍNTESE

Par Yohanne Oliveira

Nas páginas da obra "Mundo Escrito e Mundo Não Escrito" de Ítalo Calvino, nos encontramos com uma reflexão acerca do sentido da experiência literária e, como característica de muitas de suas obras, a mobilização para o pensamento de uma fronteira - tênue ou não - existente entre o mundo escrito e o não escrito; ou seja, o autor explora uma pauta que leva a pensar o quanto a linguagem pode aprisionar ou libertar e ainda passeia pelas possibilidades que ela pode conceber como real ou não. Calvino dá ênfase no quanto afastar-se de seu universo escrito para ver o mundo apenas "vivido", despido das palavras é para ele angustiante e ao mesmo tempo um portal de novas apreciações sobre o mundo, a literatura e a linguagem.

Sobre a sensação de angústia ao praticar tal reflexão, o autor diz que recorre ao seu universo escrito para cultivar ao menos a ilusão de estar mantendo tudo sob controle e que, outrora, acreditava que o escrito e o não escrito conversavam entre si e se iluminavam de forma espelhada, mas conclui - posteriormente - que ele é na verdade um breve conhecedor apenas do que escreve, pois o mundo que há além da página branca, dos livros, é cheio de eventos e acontecimentos mutáveis e imprevisíveis demais para sua compreensão e entendimento.

Apesar do incômodo existencial que a ação de abandonar o mundo escrito - e um pouco mais cômodo na visão do autor - para observar um mundo que não se pode dominar vá gerar, Calvino frisa a importância dessa experiência "do outro lado" como uma fonte de inspiração para o ato de escrever e para alimentar a verossímil e/ou absurda literatura. *"É para repor em movimento minha fábrica de palavras que preciso extrair novo combustível dos poços do não escrito."*

O autor coloca em xeque os dois pensamentos

de correntes filosóficas acerca da linguagem: O primeiro diz que a linguagem tudo contém, tudo produz e só é possível existir e conceber tudo o que há a partir dela. O segundo diz que o universo é muito mais do que as palavras e a linguagem possam definir; o mundo é inefável. Ao questionar as duas vertentes, Calvino declara não acreditar em nenhuma das duas e nos faz refletir sobre a forma como o mundo é visto pelo indivíduo e como, de maneira muito estratégica, todas as coisas já estão dadas e lidas.

Um dos principais desafios citados por ele é conseguir se esquivar de todas as definições e discursos já concebidos e emoldurados para viver a empiria de um mundo novo sob o olhar, a sensibilidade de perceber as coisas pela primeira vez; uma leitura apartidária do universo.

Ítalo Calvino articula a possibilidade de uma relação entre os mundos escrito e não escrito - linguagem e mundo - argumentando que, para tal, é necessário enxergar nas sutilezas uma magia capaz de renovar e transformar; destroçando assim, o discurso limitador e cristalizado: dar poesia à existência e aos corpos mais corriqueiros que outrora estiveram esquecidos nas celas do desinteressante e do banal. A poesia tem importante papel nessa revolução criativa e se apresenta como terra fértil ao imaginário e seus frutos. O autor ainda articula a chance de uma emancipação da literatura e da experiência literária através da retomada de atenção para os cinco sentidos do homem que se perderam ao longo dos séculos.

**"ESCREVEMOS
PARA QUE O MUNDO NÃO
ESCRITO
POSSA EXPRESSAR-SE POR
MEIO DE NÓS"**

Ítalo Calvino, 2002



ORGANIZ
Ana Elisa
Mário

MINAS
GRÁFICA

O LIVRO PELA CAPA

As letras e
linguagens de

Mário Vinícius

Por Fernanda Monteiro e Mayra Martins



Foto e Reprodução: Mário Vinícius

“Precisamos repensar, reconstruir as relações de trabalho, as relações éticas, o que entendemos e o que queremos de política, de sociedade. Espero que essa pandemia possa afogar esse câncer que chamamos de neoliberalismo, para que tenhamos uma ascensão de ênfase no social.”

Mário Vinícius

As letras descrevem, homenageiam, criam teorias sobre como o mundo se comporta, constroem histórias e às vezes são até mal-educadas. Mas, acima de tudo, estabelecem uma relação entre o sujeito e as inúmeras possibilidades de ser. Tudo começou com uma brincadeira de criança e uma fascinação pelas formas das letras. “Aprendi a ler muito novo e inesperadamente. Surgiu de uma brincadeira. Quando criança, ganhei dos meus pais aqueles quadros magnéticos, com os quais comecei a brincar. Me fascinava o que a letra podia fazer e a letra enquanto coisa”, nos conta Mário Vinícius. O entrevistado é formado em Letras pela UFMG e mestre em Design Gráfico pela École Supérieure d'Art des Pyrénées, na França.

O designer é responsável pelo projeto gráfico que compõe o livro e algumas das suas funções consistem em determinar como será o formato do livro, a espessura da folha, projetar e criar a capa, determinar a largura e altura que o texto ocupa. Além do mais, é necessário que o profissional conheça e domine vários softwares específicos, fundamentais para a criação do design. A atuação do tipógrafo está intimamente ligada com o Design. O conhecimento em tipografia é de extrema importância para criar produções que tenham como objetivo central o texto. Nesse sentido, a área é bem aproveitada por profissionais do Design Gráfico, visto que uma boa escolha de tipo pode garantir o sucesso do produto. A ocupação na tipografia envolve criar, dar forma, estilo e arranjo estético às palavras, para os tipos. Estes são mais conhecidos como fontes ou letras, essenciais para a composição visual dos textos.

Na entrevista realizada com o **designer, tipógrafo e editor** Mário Vinícius, ele nos conta sobre o seu campo de trabalho, desafios da profissão e projetos futuros.

RC - Como é o processo de alinhar o design de uma edição com o seu conteúdo?

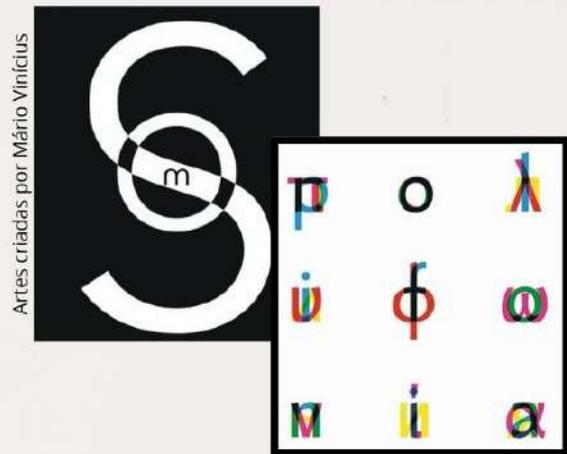
Mário - É desejável que o design esteja alinhado com o conteúdo, mas não necessariamente de forma explícita e didática em relação ao que deve ficar salientando o tempo todo. O que mais me interessa é a função. Eu gosto de tentar trabalhar com uma espécie de princípio: a função como princípio, a forma como meio e o conteúdo como fim. Em relação à função, eu preciso que as decisões sejam formais e o conteúdo, no caso editorial, esteja honestamente alinhado. Pode ser que em determinado projeto editorial artístico isso possa ser mais explícito, mas acho que deve ser integrado com a necessidade interior, que mudará de projeto para projeto.

RC - Design é algo essencial em livro? Por quê?

Mário - O design e a tipografia são, com certeza, essenciais. Digo isso porque a noção de tipografia é recente na História da humanidade, principalmente no ocidente - vem a partir do século XV. A noção de design é ainda mais recente: vem como uma disciplina comum e começa a se solidificar a partir do século XIX, ao passo que a tipografia, em ambientes não anglófonos, já está presente há mais tempo. A noção de design que abarca outras áreas além do gráfico vai, de certa forma, canibalizar a noção de tipografia e outras artes gráficas que já existiam, incorporando um conjunto de técnicas e práticas. Podemos pensar na tipografia como um dos elementos do design gráfico, o que não é falso.

RC - Quais os pontos positivos e os negativos de ser um designer?

Mário - Os pontos positivos são tantos! Realmente gosto muito do que faço. Temos uma dimensão concreta, (não necessariamente material) do trabalho se estamos falando de design gráfico, livro e outros materiais impressos. Quando você vê o resultado, consegue ter dimensão de que atuei ativamente no processo. Se já está em circulação, podemos avaliar se comunicou com o público e o que ele faz disso. O design é essencialmente uma atividade colaborativa. A parte negativa é a precarização do trabalhador. É uma área, como várias outras, que tem sido desvalorizada, não apenas por ter uma oferta muito grande de profissionais, mas também por estarmos em um contexto global no qual a



remuneração está caindo; os vínculos empregatícios estão esfacelando.

RC - Você trabalha como freelancer ou é contratado de alguma empresa?

Mário - Eu sou um auto empreendedor. Presto diversos serviços (formalizados ou não contratualmente) para empresas diversas, tais como: editoras, outros estúdios de design, empresa de marketing, consultoria, associações culturais, ONGS e microempreendedores de outras áreas.

RC - Como é a relação do(a) designer com o autor(a)?

Mário - O designer está no nível autoral assim como o autor - que é a maior instância autoral inclusive no sentido legal e no poder de prestar contas. A relação do autor e do editor tem que ser dialética. O diálogo precisa ir transformando cada um dos interlocutores com o devido respeito às especificidades. Na prática, pode ser uma interação muito boa ou pode ser conflitante. Podemos acabar nos tornando psicólogos, no sentido de interpretar as motivações psicológicas. Pode dar a entender que há uma certa competição. Eu acho que os designers profissionais não vão levar para esse lado, mas alguns autores talvez possam sentir que a autoria esteja em perigo e não queiram aceitar uma proposta.

RC - Como funciona o design em relação ao livro digital? Quais cuidados temos que ter ao preparar um design para um livro físico e para um livro digital?

Mário - Quando falamos de livro digital, não estamos falando de uma coisa só. Há vários

formatos de arquivos, cada um com especificidades que podem ser consideradas instâncias de livros digitais. O PDF, por exemplo, é um arquivo geralmente estático, com layout e design de diagramação estática. Temos o EPUB, o Kindle e o Mobi que possuem muitos pontos em comum - um design com o qual pode ser alterado a fonte, por exemplo. Os cuidados para preparar um livro digital devem ser rigorosos, tais como definir o estilo de caracteres, de parágrafo, de corpo de texto. Em muitos casos, é necessário até criar estilos para trabalhos que acontecem uma só vez na edição. O livro digital é muito legal, mas ainda há muito o que ser feito, principalmente pensando na forma como temos caminhado com as tecnologias digitais. Já devíamos ter caminhado muito nesse terreno, mas o mercado parece ter se acomodado. Eu acho que boa parte dos formatos digitais funcionam bem mais quando os textos são corridos, sem muita ativação de recursos gráficos e tipográficos. A própria natureza desses arquivos funciona melhor.

RC - Como designer qual formato de livro você prefere fazer? E qual gênero?

Mário - Eu tendo a gostar de livros mais estreitos e que tenham uma relação altura x largura em que a altura seja predominante, mas nem sempre é o caso. Quanto ao gênero, talvez por inclinação pessoal, tendo a gostar de livros de arte, literatura, poesia, mas não só. Faço livros de qualquer gênero. Existe no Design, pensando em uma grande parcela, uma tendência a achar que a área cultural é a única boa para se trabalhar. Isso é problemático, visto que não tem tanta demanda na área cultural quanto o número de profissionais querendo trabalhar exclusivamente nela. Acredito que, enquanto designer, tudo é interessante. O designer alemão, contemporâneo Erik Spiekermann fala que morre de vontade de ser chamado para fazer o design de formulários de declaração de imposto de renda alemã; para fazer algo que seja funcional e eficaz. Eu adoraria, principalmente se tivesse imposto sobre grandes fortunas aqui. Acho que toda demanda é um desafio incrivelmente interessante.

RC - O que te levou a escolher ser designer?

Mário - Não é uma pergunta fácil. Acho que o que me levou ao Design foram os trabalhos, anteriores, com tipografia. Eu já adentrei no Design querendo ser tipógrafo. Um marco muito importante foi ter aprendido a ler muito novo

e inesperadamente, surgiu de uma brincadeira. Quando criança, ganhei dos meus pais aqueles quadros magnéticos com os quais comecei a brincar. Me fascinava a letra enquanto coisa e o que ela podia fazer. É uma benção e uma maldição na profissão de tipógrafo: se o texto está ruim, a chance de você parar e prestar atenção nas letras é muito grande. É necessário saber dosar porque, até em um texto bom, isso pode acontecer. Minha graduação foi em Letras e eu tive a sorte de ter feito a implementação do bacharelado em Edição, na UFMG. Trabalhei no laboratório de Edição da FALE, orientado pela Sonia Queiroz, grandíssima mentora dessa época e de sempre. Foi uma experiência incrível, fazíamos de tudo lá - a diagramação, o projeto gráfico, acabamento, preparação de originais, revisão de provas. Foi uma experiência muito ampla e o que mais me interessava era a parte gráfica, tanto que o meu mestrado na França foi em Design Gráfico Multimídia. Logo em seguida, fiz pós-graduação no Ateliê Nacional de Pesquisa Tipográfica e, ainda na França, dei aula de tipografia e atuei como designer. Acredito que as letras tenham me levado ao Design.



Arte do livro "Monstruosidades do Fantástico Brasileiro" por Mário Vinícius

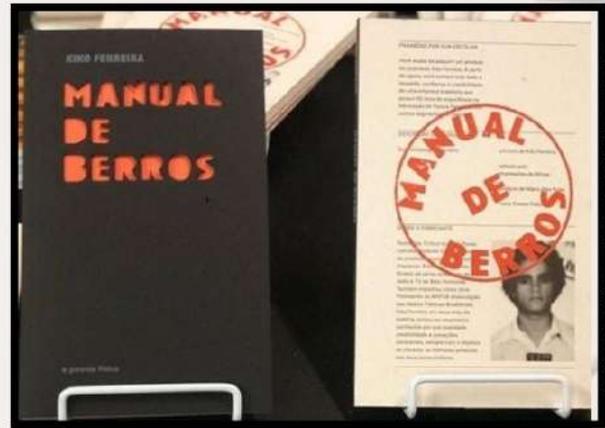
RC - Como tem sido a produção de designers durante a quarentena? Houve mudanças significativas em relação ao período anterior? Quais suas expectativas em relação ao futuro?

Mário - Eu já fazia muito trabalho em home-office, com muitos designers já é assim. O que aconteceu foi que generalizou total. Mas o home-office não aparece sozinho: quem tem filho em casa, assim como eu, teve que ter uma organização muito grande - essa é a grande diferença que tem existido; além da questão do ritmo de trabalho e gerenciamento de tempo. Quanto ao trabalho em si, falo por mim e por colegas, foi muito mais intensificado. Desde que a quarentena começou, tenho feito mais trabalho digital, vídeo, animação, projetos de diagramação de e-book. Livros também tem rolado, mas estamos segurando a divulgação para quando pudermos fazer um lançamento presencial. É um processo muito importante, principalmente para editoras pequenas. Estamos com muitos livros engatilhados, livros que eu trabalhei, prontos para a divulgação. Mas, comparado ao ano passado, houve uma caída de produção.

Minhas expectativas em relação ao futuro têm aumentado, não apenas em relação à situação dos designers, mas num todo. Pensando numa economia, numa sociedade, num meio ambiente que está em frangalhos, a minha expectativa é que esse cenário mude. Acho que precisamos repensar, reconstruir as relações de trabalho, as relações éticas; o que entendemos e o que queremos de política, de sociedade. Espero que essa pandemia possa afogar esse câncer que chamamos de neoliberalismo para que tenhamos uma ascensão de ênfase no social. A gente não tem que existir para servir a economia, é necessário inverter essa lógica para que vivamos em uma sociedade melhor.



Design de Mário Vinícius para o livro "Impossível Como Nunca Ter Tido Um Rosto"



Projeto gráfico, capa e sobrecapa criadas por Mário Vinícius

RC - Você está envolvido em alguma produção atualmente? Pode nos dar detalhes?

Mário - Sim, estou envolvido em várias. Vou falar de algumas poucas. Uma delas é um livro que está sendo impresso neste momento, em coautoria com Wagner Moreira, professor do CEFET, poeta, uma pessoa que admiro muito. O livro-objeto, livro-poema se chama Terra Alegria. Os textos são do Wagner e o que estamos chamando ali de regência, tipo topográfica, é minha. A concepção de imagens e do livro enquanto objeto foram criadas por mim e serão publicadas pela Impressão de Minas. Estamos muito contentes com tudo que ele tem sido. Ainda é necessário pensar na data de lançamento, mas já está na impressão definitiva. O Tarefas da Edição vai ser lançado na FLIC, que será remota esse ano, nos dias 18 e 19 de outubro. A organização será da minha orientadora querida, Ana Elisa Ribeiro, e do amigo e parceiro Cléber Cabral. O livro também tem textos meus: são verbetes relacionados à área da edição - um sobre a arte postal e outro sobre tipografia. Chamamos muita gente bacana, muita gente legal de Belo Horizonte e de fora; de instituições diversas. Ele vai sair pela Impressões de Minas e LED. A ideia é fazer uma série de livros coletivos de verbetes ligados a edição. O Minas Geográfica foi o primeiro, o Tarefas da Edição será o segundo. Espero muito que gostem.

RESENHA:

Por Bárbara S. H. Moreira

Aline Haluch é designer e pesquisadora formada pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), mestre em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e sócia do Studio Creamcrackers Design. Curitibana, mora no Rio de Janeiro desde 1996. Professora dos cursos de Design e Comunicação Social do Centro Universitário Ibmecc/RJ e do curso de graduação em Design Gráfico da Faculdade Senac RJ, atua como colaboradora do curso Master em Design Editorial do Instituto Europeo di Design - IED Rio e, desde 2005, ministra o workshop Design Editorial em várias instituições. O Guia prático de design editorial originou-se do Workshop Design Editorial promovido por Haluch em seu espaço conhecido como Studio Creamcrackers em 2005. Foi criado com base na apostila do curso e aprimorado com as discussões e pesquisas atualizadas. Basicamente, a obra funciona como um manual para aqueles que desejam trabalhar com diagramação de livros, mas não sabem por onde começar. Nela, Haluch disponibilizará inúmeras dicas: onde o designer poderá atuar, quais os conhecimentos/habilidades que se deve adquirir, os programas que irão auxiliar o trabalho deste profissional, além de uma explicação detalhada de como iniciar a diagramação de livros impressos. Muitos recursos visuais unindo teoria e prática serão apresentados.



Foto e reprodução: ResearchGate

A obra possui cinco capítulos que são de maior relevância para o leitor. A "Introdução", onde a autora apresenta o profissional, as competências necessárias, os softwares mais indicados para se diagramar. Em seguida, mostra um curto panorama histórico do surgimento do livro impresso tendo como base uma figura consagrada na edição de livros: Emanuel Araújo. O segundo capítulo "Por onde começar? Organize-se" apresentará os quatro passos para começar a diagramação e mostrar os elementos que devem compor a estrutura do livro. Em "Trabalhando no arquivo digital" discorrerá um pouco sobre como trabalhar a diagramação no suporte digital, pois possui especificidades diferentes do livro impresso. Em "A capa do livro" a autora destaca que teoria e criatividade devem andar de mãos dadas, já que tudo que lemos, vemos e ouvimos nos influencia e auxilia em processos criativos, tornando-se, assim, ótimas fontes de inspiração. No último capítulo "Acabamentos e recursos gráficos", Haluch expõe os pontos positivos e negativos dos tipos de acabamentos que podem ser utilizados nos livros como laminação, vernizes, facas especiais, relevos etc. O livro é bastante prático e sucinto, possuindo apenas 91 páginas, o que permite uma leitura rápida e dinâmica. Possui uma linguagem clara e objetiva, não apresentando palavras muito rebuscadas, apesar de se utilizar de alguns termos técnicos que são específicos da área do Design, tais como: hot stamping, overprint, trapping, cabeços, fólhos, kerning etc.

Guia Prático de Design Editorial: Criando Livros Completos

Outro ponto interessante para aqueles que são apaixonados por livros é que se pode aprender um pouco mais sobre a suas divisões. São três, basicamente: pré-textual, textual e pós-textual, além dos elementos extratextuais. A parte pré-textual possui elementos como: falsa folha de rosto, folha de rosto, página de créditos, dedicatória, epígrafe, sumário, lista de ilustrações (pode ir para a pós-textual), lista de abreviaturas e siglas (pode ir para a pós-textual), prefácio, agradecimentos e introdução. Na parte textual, temos o corpo do texto que pode ser chamado de "bodytext" e é dividido em volumes e tomos, em partes ou livros, e em pequenas seções - capítulos e subcapítulos. A parte pós-textual pode conter elementos como: posfácio, apêndice, glossário, bibliografia, índice, colofão e errata. Desse modo, percebe-se que é uma obra extremamente descritiva e explicativa. Foi criada com base em um workshop e aperfeiçoada com o passar do tempo, sendo, portanto, destinada principalmente aos estudantes dos cursos de Design, Artes Visuais, Letras com ênfase em Edição, Editoração e para todos aqueles que sentirem curiosidade em aprender um pouco mais sobre o processo de diagramação do livro físico.

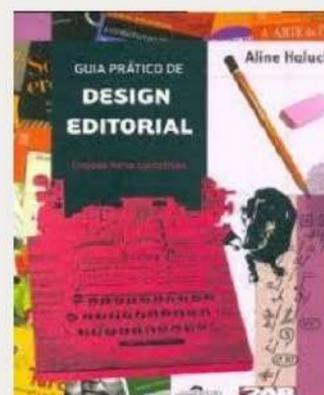


imagem e reprodução: Amazon

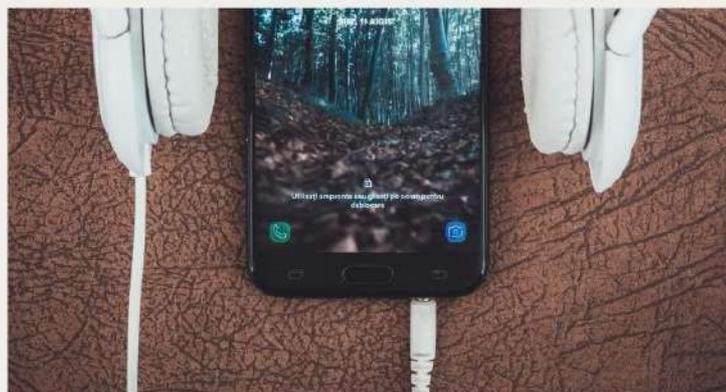
Nota Editorial

Recentemente, a revista Criar-te lançou o **Criar Cast**, o nosso podcast oficial para os amantes do mundo editorial, da criatividade e da leitura. Logo na primeira edição, recebemos como convidadas duas profissionais admiráveis! Entre elas está a escritora e poeta **Simone Teodoro**. Se você, assim como nós da Criar-te, é fã da poesia e se sente atraída(o) pelo universo inspirador que movimenta o fazer poético e seus autores, irá desfrutar muito da entrevista da nossa autora conterrânea.

Na conversa, Simone nos contou sobre a infância e as dificuldades que se interpuseram em sua trajetória - não apenas na vida pessoal, mas, também, no meio editorial. A poeta nos traz um afago à alma quando conta sua relação com a palavra. "Desde que eu entendi que existiam palavras e que elas podiam comunicar histórias, sentimentos, serem veículos de trocas de experiência, me deu vontade de escrever". Revela, ainda, que não se considera assídua na prática da escrita, mas que escrever é sua forma

de estampar seu olhar sobre o mundo. "Não escrevo todos os dias. Sequer penso nisso. (...) tem hora que dá vontade de escrever. Eu fui compreendendo que era mais como uma forma de registrar as minhas impressões a respeito do mundo, meu olhar, minha experiência, o meu sentir o mundo. E eu sinto o mundo com muita intensidade, com muita força".

A autora nos falou sobre seus perfis preferidos da literatura. "Eu gosto das piradas, das loucas, suicidas, das bêbadas", declara. Tem como referência as escritoras Sylvia Plath, Anne Sexton, Alejandra Pizarnik e Clarice Lispector. Simone Teodoro é mineira e contemporânea, é mestra em Literatura Brasileira pela UFMG e já publicou três livros de poesia pela Editora Patuá. Seus poemas seguem uma tendência obscura e convidativa, além do pontual tom erótico definindo suas obras. Se quiser conhecer a poeta e muito mais curiosidades do meio da edição, confira o nosso **Criar Cast!**



O espaço da
Revista Criar-te
para o
fazer criativo
independente

CRIAR OLHAR - TE PENSAR

CRIAÇÕES

REMOTO

Não falarei de certezas
Quando todas as facetas do tempo
Estão suspensas
E o futuro parece ser o mesmo
Para cada supervivente

Não falarei de certezas
Quando somos reduzidos à solidão
Quando os rios e toda vida fora de nós
Agradece pela ausência súbita
De nossa terrível e caótica coexistência

Não falarei mais de sóis
Nem de outonos nem de mares
Nem mesmo de cantares ou querereres utópicos
Ao fim e ao cabo, o que resta é uma fê surrada
Amores pré-parados
Cafés pré-datados

E a distante lembrança de um mundo perfeito
De infundas paredes de gelo
De memórias distorcidas pelo
Apego e o ego
De paixões que previram as destruições
Da guerra de animais sem pátria
Tudo agora é só mentira e silêncio

Não falarei de certezas
Quando o que tenho é breve
Quando o que temos é findo
Quando o que finda, por fim, é lindo

- Anne Oliveira

CANSAÇO

Cansei!
Vou ler o que
Quiser

Cansei!
Ler por obrigação
Ter pudores confinadores

Cansei...
Bem, mal, bonito, feio
Tudo me desinteressa

Cansei.
Da tua voz, do teu pensamento
Expondo minha burrice

Cansei,
De ficar
Ir embora pro nada e voltar à realidade

Cansei
Só isso.
Cansei!

- B.S.Silva

INTRODUÇÃO AO POEMA DOS OLHOS DA AMADA

Amordaçada pelo desejo que enfeitiça as usuras sonhadas
pelas minhas ancas,
sento na varanda e contemplo o borbulhar da claridade
O escopo de matar a fome que contorna o perímetro do seu
corpo é tão presente e distante quanto a lua
cheia que invadiu a casa há pouco

Pergunto aos meus botões quantos dos dois, três, quatro
pares de olhos que te fitam deslumbram os seus
Caio em desgraça por um segundo e compreendo que
plantei o karma que fatalmente me alcançaria
Deito sobre a cama de pregos e confesso meus pecados
esperando que um deus me condene ou perdoe

Amanhã, quem sabe, me entregue à boemia e faça um
samba desse buraco sem luz
E até você, quem sabe, possa dançar quando ouvir falar de
mim

Por enquanto, lavo os pratos que chegam, um a um, dispondo
com cautela no escorredor, garantindo um espaço mínimo
entre eles e guardando sem que nada se quebre.

- Júlia Costa

O LIVRO

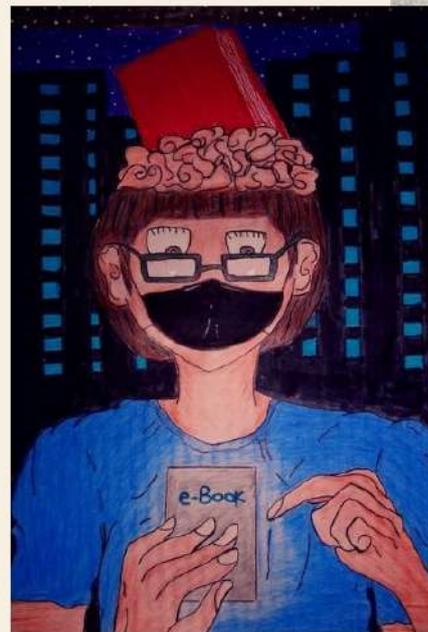
O tempo chega para todos
Cumprir minha sentença
Com honra e dignidade
Deixei meu legado

Formei reis e rainhas
Criei lendas e mitos
Lembrei sentimentos e virtudes

Foi calado, censurado, proibido
Revivido
Ressurgindo das cinzas
Estou de pé, seguindo em frente

O tempo chegou, partiu, se foi
Eu fiquei
Irei até onde der!

- B.S.Silva



É book? - Charge de B.S.Silva